



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

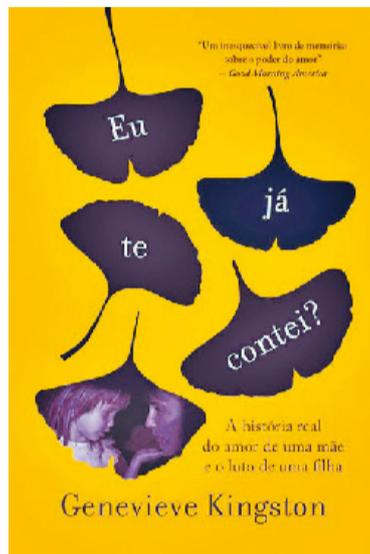
O amor materno e a importância da memória

Eu já te contei? (Editora Intrínseca, 304 páginas, R\$ 59,90, tradução de Natalie Gerhardt) é o pungente romance de estreia de Genevieve Kingston, formada em linguística e teatro pela Universidade de Berkeley, Califórnia e com mestrado em atuação pela Brown University. A história, em síntese, celebra o amor materno e a importância da memória ao narrar a perda da mãe, dias antes da autora completar 12 anos de idade.

Genevieve emocionou milhares de leitores com o relato *She Put Her Unspent Love in a Cardboard Box*, publicado na coluna *Modern Love* no *The New York Times*, e aí resolveu escrever *Eu já te contei?*, onde narra a história de sua vida, marcada pela morte precoce da mãe para um câncer agressivo. Sabendo que não veria os filhos crescerem, a mãe de Genevieve deixou dois baús cheios de cartas, presentes e fitas cassete que

a representariam nos marcos que perderia na vida. Carteira de motorista, formatura, aniversários até os 30 anos, entre outros momentos importantes da vida foram pensados pela mãe. A mãe também instruiu familiares, amigos, colegas de faculdade, seu ex-namorado e sua terapeuta a responderem perguntas que os filhos fariam sobre seu passado. Tudo com muita honestidade, para que os filhos a conhecessem de verdade e pudessem construir memórias sobre ela.

Genevieve teve momentos difíceis que nem mesmo a mãe poderia prever, como a distância do irmão, o segundo casamento do pai e a morte dele anos depois. Os presentes deixados pela mãe funcionaram como um porto seguro. Com o passar do tempo o baú foi ficando mais leve, as cartas e os presentes chegando ao fim, mas Genevieve seguiu descobrindo a mãe.



“Nada me deixaria mais feliz do que saber que vocês seguiram em frente e foram felizes. Isso é a melhor coisa que vocês podem fazer em minha homenagem”. Palavras que sintetizaram o imenso legado da mãe que se foi e não se foi muito cedo.

e palavras...

AFETO E ARQUITETURA ENTRE O CLÁSSICO E A MODERNIDADE

Armando Boni - Entre o Clássico e a Modernidade (Publicato, R\$ 92,00), livro organizado pela arquiteta e urbanista Flávia Boni Licht, neta do grande arquiteto italiano, com revisão da consagrada escritora e jornalista Lelei Teixeira, será lançado em 28 de março, às 19h, no IAB-RS (rua General Cananarro 383). A obra já nasce referencial sobre a importância da cultura arquitetônica italiana na construção de residências e prédios comerciais em Porto Alegre e tomara inspire outras iniciativas, como, por exemplo, a obra *Estrutura de Luz e Sombra*, resultante da dissertação de mestrado da arquiteta Gicelda Weber Silveira sobre o Cemitério São Miguel e Almas, projeto de Boni.

A primeira parte da obra escrita por Flávia Boni Licht é uma bela biografia afetiva do ousado, audacioso, romântico, divertido e profissional imigrante italiano que chegou em Porto Alegre em 1910, onde formou uma grande família, foi professor universitário e arquiteto de muitas obras que até hoje encantam os olhares de nós todos, como o Palacinho da Cristóvão Colombo e a Casa Boni na Marquês do Pombal. Histórias e fotos da família mostram Armando viajando a cavalo de Caxias a Antônio Prado, andando de barco, jogando xadrez, tocando violão e convivendo com a família. Flávia mostra a importância da família, dos afetos e dos estudos sobre seu marcante avô, que tornou Porto Alegre mais bonita e elegante, dando-lhe toques artísticos típicos da

terra de Dante.

No primeiro capítulo do livro o arquiteto e urbanista Luiz Antônio Bolcato Custódio fala da história de Porto Alegre e de obras importantes como o Chalé da Praça XV, a Santa Casa e o Teatro São Pedro.

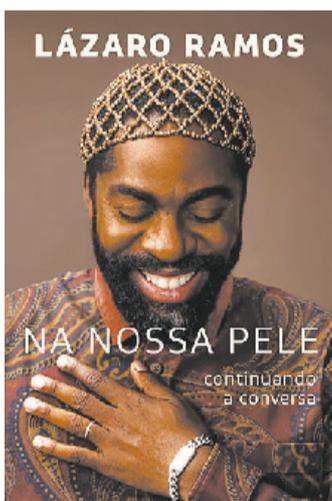
No segundo capítulo, o professor, arquiteto e urbanista Maturino Salvador Santos da Luz fala do antigo Auditório Araújo Vianna, na Praça da Matriz, que contou com o trabalho de Boni no projeto e na construção.

No capítulo seguinte, a arquiteta e urbanista Gicelda Weber Silveira fala sobre o projeto do São Miguel e Almas, projeto de Boni que é um cartão postal de nossa cidade, por suas qualidades plásticas e históricas.

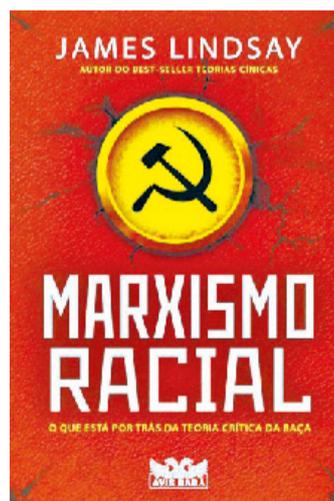
Lucas Bernardes Volpato, arquiteto, urbanista e professor conta, no capítulo seguinte, sobre o lindo projeto de Boni do prédio da Livraria do Globo, na Rua dos Andradas. Renato Gilberto Gama Menegotto e Carlos Renato Savoldi, arquiteto e urbanista, no capítulo seguinte fala das casas de Armando Boni: a dele na Marquês do Pombal, a dos Corbetta na Barão de Santo Ângelo e a de Santo Meneghetti, o Palacinho da Cristóvão. Fabio Boni, arquiteto, professor e urbanista, neto de Armando Boni, fala da casa de Boni na Marquês do Pombal.

Nas páginas finais são apresentados currículos dos autores e autoras e uma interessante linha do tempo desde o nascimento de Boni, em 1886, até sua morte em 1946, com dados de Boni e de fatos históricos relevantes.

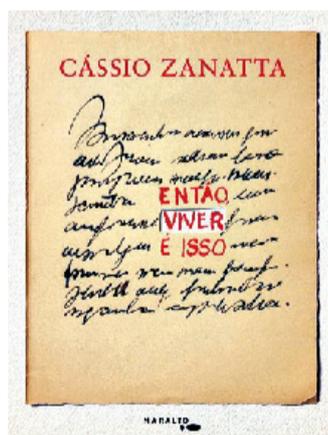
lançamentos



► **Na nossa pele - continuando a conversa** (Objetiva, 132 páginas, R\$ 69,90), de Lázaro Ramos, ator, apresentador, diretor e escritor, retoma o diálogo iniciado com o *best-seller Na minha pele* e amplia a conversa abordando experiências e aprendizados comuns. Ele fala da mãe, de intimidade, de diversidade e temas complexos, convidando a todos para refletir sobre suas vidas.



► **Marxismo Racial - O que está por trás da teoria crítica da raça** (Avis Rara, 320 páginas, R\$ 59,00), de James Lindsay, matemático, comentarista político e autor do *best-seller Teorias Cínicas*, nesta obra encara um dos temas mais polêmicos e populares da atualidade. Ele convida a uma análise profunda e reveladora dessa ideologia.



► **Então viver é isso** (Maralto, 176 páginas, R\$ 59,90), do escritor, revisor, publicitário e diretor de criação Cássio Zanatta, coletânea de crônicas com ilustrações de José Carlos Lollo, com olhar sensível, ironia e humor, mostra momentos cotidianos se tornando reflexões sobre nostalgia, saudade, simplicidade, morte e a persistência da esperança.

a propósito...

A obra sobre Armando Boni veio em momento mais do que adequado e deve ser muito festejada. Neste ano celebramos 150 anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, e esse registro mostra como as artes e ofícios italianos trouxeram para Porto Alegre e o Estado a criatividade, o engenho, a cul-

tura e a arte da Itália, uma país que sempre se notabilizou por prestigiar a beleza, a utilidade e a busca por uma existência mais divertida. Com suas obras, sua família, memórias e construções, Armando Boni vive. As pessoas só se vão realmente quando ninguém mais lembra delas. **(Jaime Cimenti)**